

**RESENHA**  
**“A JANGADA DOS JACARÉS”: UM CONVITE A**  
**DESCOBRIMENTOS**

**Marli Cristina Tasca Marangoni<sup>1</sup>**  
**Flávia Brochetto Ramos<sup>2</sup>**

A obra poética “A jangada dos jacarés” compõe-se de 31 páginas, nas quais vinte e seis poemas destinam-se ao público infantil. Com esta publicação da editora Chiado (2019), o poeta, tradutor, pesquisador e professor universitário de literatura João Claudio Arendt faz sua bem-sucedida estreia na literatura infantil, trazendo ao público uma produção dedicada ao deleite. Com capa dura, encadernação costurada e dimensões de 15cm x 22cm, a obra apresenta materialidade favorável ao manuseio confortável do leitor em formação. Os poemas inscrevem-se em preto sobre o fundo branco, ocupando a parte superior de cada página. Abaixo dos versos, aparecem desenhos de crianças da Educação Infantil que ilustram cada poema.

Em termos de visualidade, o colorido da capa e do miolo tende a captar a atenção da criança para o acesso à obra. O título da produção também contempla o horizonte do destinatário, ao mencionar um animal que faz parte do imaginário infantil e que integra o acervo popular de narrativas e canções. Além disso, o jogo sonoro entre as palavras “jangada” e “jacarés” dialoga com as expectativas infantis de encontrar no poético a exploração da materialidade da linguagem, antecipando recurso amplamente empregado nos poemas que integram a produção.

Assim como a conhecida “Arca de Noé” transporta animais de todas as espécies, “A jangada dos jacarés” privilegia animais variados, dos estimados domésticos, como cão e gato, aos inconvenientes, como barata e percevejo. Ao tematizar algo do curioso, estranho e inusitado do ambiente natural, os poemas convergem para os interesses da criança, que se encontra em processo de descobrir e conhecer o mundo.

---

<sup>1</sup> Universidade de Caxias do Sul ([marli.tasca@gmail.com](mailto:marli.tasca@gmail.com))

<sup>2</sup> Universidade de Caxias do Sul ([ramos.fb@gmail.com](mailto:ramos.fb@gmail.com))

Os poemas organizam-se em uma única estrofe, cuja quantidade de versos varia de 3 a oito ao longo da obra, sempre formulando uma interrogação acerca do animal eleito. Todas as estrofes iniciam com a conjunção condicional “se”, indicando a exploração de uma hipótese. Os poemas não apresentam continuidade entre si, mas o viés temático e o paralelismo sintático conferem coesão à proposta e, ao mesmo tempo, independência entre os textos.

Nesse exercício, caro à imaginação infantil, possibilidades criativas e insólitas contribuem para construir o poético no âmbito do entendimento do leitor iniciante mas também acalentar o leitor maduro. Tais possibilidades exploram aspectos característicos dos animais, para sugerir reviravoltas em que o humor, os jogos de sentido e a combinação cuidadosa dos sons aliam-se aos exercícios imaginativos, oferecendo uma perspectiva lúdica que foge do óbvio e que mobiliza o conhecimento enciclopédico do leitor para depois relativizar e contrastar esse saber prévio.

Ressalta-se a gratuidade com que os versos convidam o interlocutor à brincadeira, instando-o a colocar em jogo seu raciocínio, ao estabelecer relações que conferem sentido aos versos. Nos versos dedicados ao morcego (p.30), por exemplo, o conhecimento quanto aos hábitos noturnos do animal é requerido no estabelecimento da tensão que gera surpresa ao texto: “Se o morcego/ pintasse as asas/ com tinta fosforescente,/ ele poderia voar pelo céu/ feito estrela cadente?”. A rima interpolada apela aos sentidos infantis, favorecendo a adesão do leitor ao texto, pela via da sonoridade.

Já no poema que tematiza a barata, os versos brincam com o nome do animal, estabelecendo uma contradição relativa ao seu possível enriquecimento. Nesse sentido, o leitor precisa mobilizar a ambiguidade da palavra que dá nome ao animal, pois nesse duplo sentido se equilibra a lógica do texto. A proposição lúdica formula exigências ao leitor, encobrendo propositadamente o sentido e instalando enigmas que pedem uma resposta, ao mesmo tempo em que gratifica o leitor pela divertida combinação de sons e pela novidade revelada.

Outro aspecto que merece destaque diz respeito a referências intertextuais que aproximam a produção das experiências dos leitores, mobilizando seu repertório e ampliando-o. Na p. 20, por exemplo, o poema que se volta à raposa menciona que ela desistiu de apanhar as uvas por medo de emporcalhar as luvas, quando, na conhecida fábula, o fato se deu porque não as alcançava. Já na p.23, os versos tematizam a borboleta que, se fosse flor, poderia chamar-se



Lois Lane, figura possivelmente conhecida do leitor, por seu acesso a conteúdos midiáticos. Ao estabelecer tais relações, o texto confere à criança um lugar de importância no texto, acolhendo seus horizontes e desafiando-a a atuar com protagonismo na leitura.

Por sua abordagem à temática, a produção atua, de um lado, aproximando o leitor de animais exóticos, esquisitos, pouco ou mal falados. De outro lado, mostra dados desconhecidos ou ainda não cogitados, em relação a animais próximos do cotidiano infantil, desfamiliarizando-o. Todavia, o convite aos descobrimentos se configura de maneira em que o incomum leva ao deleite, não ao temor. Ao propiciar tais estranhamentos e surpresas, o livro favorece a experiência estética do leitor, mediada pelo emprego criativo e inovador da linguagem.

A obra, classificada como infantil, é um exercício de poesia madura para um leitor sem idade.

*Recebido em 11 de agosto de 2020*

*Aprovado em 05 de outubro de 2020*